

# FORMAÇÃO DE EDUCADORE(A)S NA PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA NO AMAZONAS: O PRIMEIRO ENSAIO

André de Oliveira Melo<sup>1</sup>

Universidade do Estado do Amazonas (UEA) – [andremelo@uea.edu.br](mailto:andremelo@uea.edu.br)

Iraildes Caldas Torres<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Amazonas (UFAM) – [iraildes.caldas@gmail.com](mailto:iraildes.caldas@gmail.com)

## RESUMO:

É centralidade neste trabalho a formação docente do educador em Pedagogia da Alternância no estado do Amazonas. Ocuparmo-nos em discutir a nova identidade do educador que elege esta pedagogia que é adotada pelas Casas Familiares Rurais como sua práxis educativa, o que inclui dedicação integral e interdisciplinar do educador/monitor, bem como uma formação específica, sendo ela própria objeto dessa pesquisa, privilegiando os monitores da Casa Familiar Rural em Boa Vista do Ramos, Amazonas. O texto é fruto de uma reflexão teórica e de campo, a partir da experiência da Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos/AM. Há a necessidade em conhecer a formação necessária ao perfil deste novo profissional, o monitor, tendo em vista a relação de troca e interação de saberes que esta nova pedagogia propõe, além de conhecer a trajetória histórica da Pedagogia da Alternância, percebendo o desenvolvimento dessa prática educativa no contexto de educação do campo.

**Palavras-Chave:** Educação do Campo, Pedagogia da Alternância, Casa Familiar Rural, Formação de Educadores

## 1. INTRODUÇÃO.

A Pedagogia da Alternância trás em sua essência formativa ideias revolucionarias no que diz respeito à formação politécnica dos educandos e da forma metodológica dos educadores/professores que (re)constrói sua atitude para uma prática interdisciplinar/transdisciplinar no ensinar e aprender. Neste sentido, surge a necessidade de conhecer mais a respeito da Pedagogia da Alternância e a formação necessária ao perfil do educador, tendo em vista a relação de troca e interação de saberes que esta nova pedagogia propõe, criando espaço para o diálogo entre o saber sistematizado e o saber popular, tendo como foco central o educando e sua realidade, promovendo não apenas o acesso das

---

<sup>1</sup> Educador/monitor de Casa Familiar Rural no Amazonas; Técnico Agrícola e Florestal; Mestre em Desenvolvimento Regional e, doutorando em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). Membro do Grupo de Estudos, Pesquisa e Observatório Social- GEPOS/UFAM.

<sup>2</sup> Doutora em Ciências Sociais/Antropologia (PUC-SP). Professora/orientadora do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM). Líder do Grupo de Estudos, Pesquisa e Observatório Social-GEPOS/UFAM.

populações do campo a uma educação libertária e de qualidade, porém, incluindo o desenvolvimento sustentável da comunidade, tanto socioeconômico como em qualidade de vida.

## **2. Pedagogia da Alternância: história e contexto e formação de educadores de uma educação inovadora.**

A Pedagogia da Alternância é uma proposta educacional que surgiu na França, em 1935, como produto da insatisfação dos filhos de agricultores para com o modelo educacional da época que pouco considerava o meio rural. A primeira experiência do curso de formação agrícola foi no Centro Paroquial da comunidade com uma semana de curso e o restante do mês no campo, entre 1934 até 1936 com 17 alunos. Criando-se daí a cooperativa de produção, transformação e venda de produtos agrícolas. Em Julho de 1937 organiza-se a primeira Casa Familiar Rural com 30 jovens, sob a responsabilidade de uma associação criada pelos pais, os quais respondiam financeira, jurídica, administrativa e moralmente pela mesma. Dessa forma a ideia começou a expandir-se pela Europa na década de 50 e, atualmente, está presente em mais de 30 países no mundo (MELO, 2010).

No Brasil a Pedagogia da Alternância é adotado em dois movimentos: EFA's e CFR's. Na década de 60 através dos imigrantes italianos que iniciam no Espírito Santo o movimento das EFA's (Escola Família Agrícola), criando em 1968 o MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo) com a finalidade de operacionalizar o projeto da EFA que buscava melhorar a produção agrícola e a qualidade de vida no campo (CALIARI, 2002 *apud* MELO, 2010). Na década de 80, tentativas em Alagoas e Pernambuco de implantar a CFR (Casa Familiar Rural) serviram de referência para o surgimento de outras CFR's no país (ESTEVAM, 2003 *apud* MELO, 2010). Todas as CFRs que utilizam a Pedagogia da Alternância estão vinculadas ao CEFFAS (Centro Familiar de Formação por Alternância) e este ao MANPUEC (Movimento de Articulação Nacional por uma Educação do Campo).

Atualmente a Pedagogia da Alternância está organizada em três associações: UNEFAB (União das Escolas Familiares Agrícolas do Brasil), ARCAFAR-SUL (Associação Regional das Casas Familiares Rurais do Sul), ARCAFAR-NORTE e NORDESTE (Associação Regional das Casas Familiares Rurais Norte e Nordeste). No Amazonas os primeiros passos para sua implantação foram dados em 1995, no município Rio Preto da Eva, com o apoio da Escola Agrotécnica Federal de Manaus e outras instituições. No entanto, a primeira CFR no Amazonas iniciou, em Boa Vista do Ramos, no dia 13 de maio de 2002 com 26 jovens representando 18 comunidades do município, fundando-se em março de 2004 a ARCAFAR-Amazonas (MELO, 2010).

Nos anos 90, do século passado, ganha notoriedade através das políticas públicas que, nos últimos anos tem se empenhado em implantar programas de formação continuada, através das secretarias estaduais e municipais de educação. Entretanto, ainda são insuficientes e não respondem à demanda e realidade dos monitores nas CFRs. Por se tratar de uma prática docente inovadora requer maiores reflexões e avaliações para que se compreendam bem as práticas educativas realizadas em seu âmbito, principalmente uma formação específica para essa nova identidade de professor do qual se exigirá dedicação integral e interdisciplinar.

A formação de educadores é um tema que, de modo geral, merece atenção por parte das instituições de educação superior, e, mais especificamente, a formação daqueles envolvidos na pedagogia voltada para Educação do Campo. Este termo conforme Molina (2004) nasceu apenas em julho de 1997, no Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária (ENERA) para contrapor ao termo educação rural que traz em seu bojo a ideia de campo como local atrasado, impondo às populações do campo um modelo capitalista, baseado no ambiente urbano, sem considerar as especificidades do campo.

Neste sentido, entende-se por populações do campo e escola do campo, conforme disposto no 1º§, do Art. 1º no Decreto<sup>3</sup> nº 7.352, de 4 de novembro de 2010 que trata da política de educação do campo:

- I - populações do campo: os agricultores familiares, os extrativistas, os pescadores artesanais, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, os caiçaras, os povos da floresta, os caboclos e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural; e
- II - escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, ou aquela situada em área urbana, desde que atenda predominantemente a populações do campo.

Antonio Munarim, ao discursar sobre Educação do Campo na XXVIII Reunião Anual da ANPEd em 2005, destaca o fato de que, apesar de tardiamente, o Governo tem buscado implementar política nacional para a democratização da educação para as populações do campo. Ele afirma:

---

<sup>3</sup> Decreto que no artigo 1º, garante a ampliação e qualificação da oferta de educação básica e superior às populações do campo, a qual será desenvolvida pela União em regime de colaboração com os Estados, o Distrito Federal e os Municípios, de acordo com as diretrizes e metas estabelecidas no Plano Nacional de Educação e no Decreto supra citado, tendo em vista o disposto na Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e no art. 33 da Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009.

[O] MEC, depois de mais de 70 anos de existência, somente agora, neste milênio e a partir do atual governo, se dispôs a criar um espaço formal para acolher e coordenar as discussões em torno da elaboração de uma política nacional de Educação do Campo. Ressalte-se que, tal como reivindicado, essa função vem sendo executada levando-se em conta as vozes dos próprios sujeitos do campo que protagonizam e reivindicam esse espaço de política.

Seu efeito, porém, é muito pequeno na prática docente, por não atender às especificidades das CFRs, as quais propiciam experiências inovadoras de formação em alternância para jovens do meio rural, oferecendo-lhes Ensino Fundamental, Ensino Médio e Educação Profissional em tempo integral e em regime de internato. Proposta cuja identidade é percebida a partir dos quatro pilares, fornecido por Pedro Puig Calvó: 1) Formação integral; 2) Desenvolvimento do meio; 3) Associação local; e, 4) Alternância, os quais representam os fundamentos preservados na dinâmica evolutiva que a Pedagogia da Alternância apresenta em suas mais diversas manifestações (GIMONET, 2007).

Neste sentido, não se trata de uma educação para o campo, numa relação verticalizada, imposta pela classe dominante a fim de extrair ainda mais riqueza daqueles historicamente espoliados; pelo contrário, é uma educação do campo, em razão de ser pensada e executada pelos próprios sujeitos da comunidade, valorizando o pequeno produtor que vive no e do campo, dando assim um real significado a toda e qualquer aprendizagem desenvolvida pelo grupo que alterna em uma semana na Casa Familiar Rural e duas em sua propriedade, naquela planejando soluções e nesta realizando experimentos e registrando-os, difundindo um novo conhecimento adquirido entre os demais membros da comunidade, extrapolando a integração e valorização de diferentes saberes – conforme demonstrado na tabela abaixo - sejam eles empíricos, teóricos ou formais – quebrando o monopólio da escola como único ambiente adequado à educação e formação do cidadão.

**Tabela 1 - Processo da Alternância**

<b>Um processo de Alternância num ritmo em três tempos</b>			
<b>Tempos</b>	1º) O meio familiar, profissional, social	2º) O CEFFA	3º) O meio
<b>Elementos</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Experiência</li> <li>Observações, investigações, análise</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Formalização-Estruturação</li> <li>Conceituação</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Aplicação-ação</li> <li>Experimentação</li> </ul>
<b>Saberes</b>	Experienciais	Teóricos e formais	Ações

Fonte: Melo (2010)

Assim, apesar de não haver consenso, é necessário pensar sobre o perfil desse novo profissional, o monitor e a monitora da Casa Familiar Rural, concebido pela Pedagogia da

Alternância, nos levando ao questionamento: quais competências são essenciais ao exercício dessa docência inovadora? Dada à amplitude de sua complexidade onde tal formação poderia ser adquirida? Apenas nas universidades?

No Brasil, igualmente, a Pedagogia da Alternância foi implantada “em pleno regime militar, cujas políticas públicas para o campo priorizavam as grandes produções agropecuárias, o modelo de agricultura patronal... com grande tendência ao uso de tecnologias”, o que acabou gerando um “abandono generalizado da mão-de-obra e proletarização dos trabalhadores e trabalhadoras do campo” (MELO, 2010). O que nos leva a perceber que esta pedagogia está intimamente ligada ao engajamento na luta pelos direitos básicos negados à maioria da população, exigindo um compromisso político e social de todos os membros da comunidade, no sentido de minimizar as desigualdades e o sentimento de inferiorização imposto pelo urbano sobre o rural, bem como uma economia e educação baseada na solidariedade.

Baseado no pensamento freiriano: “Formar o ser humano é muito mais do que treinar no desempenho de destrezas” (FREIRE, 2003), a formação do educando na Casa Familiar Rural acontece em diferentes lugares e momentos; sua história pessoal serve de pano de fundo para essa formação; entram ainda em sua formação sua herança cultural, sua participação e intervenção em movimentos sociais e a forma de organização coletiva.

Mas, especificamente no município de Boa Vista do Ramos, no Amazonas, tal animação e engajamento são percebidos pela história da implantação da CFR naquela localidade que mobilizou inúmeras pessoas na construção coletiva do local em que a educação sonhada por homens, mulheres e jovens, finalmente, poderia tornar-se realidade (MELO, 2010). Para tanto não serve uma formação docente tradicionalista baseada num sistema capitalista. Para a formação do educador (a) e/ou monitor (a) da Casa Familiar Rural exige-se uma formação específica e coerente com a educação do campo e para o campo, pautada nos movimentos sociais dos camponeses, no paradigma da questão agrária (não no capitalismo da educação rural) e na amplitude que a multidimensionalidade territorial exige (MOLINA, 2006).

### **3. O Educador da Educação do Campo**

Há muita discussão em torno de dois paradigmas: o professor pesquisador e o professor reflexivo, Nóvoa<sup>4</sup> defende a ideia de que no fundo esses dois termos são correntes diferentes para

---

<sup>4</sup> Entrevista cedida ao Programa Salto na TVE em 13/09/01.

dizer a mesma coisa. Apesar dos textos que tentam diferenciá-los, para ele reflete a preocupação de ser o professor um indagador, que “assume sua realidade como um objeto de pesquisa”. Para Nóvoa, em entrevista televisiva, afirma a “contradição principal [...] é que se avançou muito do ponto de vista da análise teórica, se avançou muito do ponto de vista da reflexão, mas se avançou relativamente pouco das práticas da formação de professores, da criação e da consolidação de dispositivos novos e consistentes de formação de professores”.

As discussões em torno de um professor intelectual e pesquisador, precisam ser pensadas e repensadas, baseando-se nos princípios da diversidade (somos diferentes), da integração (de valores, da inclusão) e da complexidade (onde não se pode mexer nas partes sem mexer no todo e vice-versa). Para este novo perfil de profissional da educação é essencial mudar o pensar, rompendo com a visão “especialista”, trazendo o modo como a cabeça, como o cérebro organiza os conhecimentos, conectando-os numa rede, ligando sua área específica, ou a disciplina ao contexto e ao global. Formando, assim, professores que também não abrem mão de sua especialização, sem, no entanto, perder o elo com o todo.

Morin (2011) discute a inadequação da sociedade: saberes divididos, enquanto os problemas da realidade se apresentam de forma multidimensional, transversal, global e planetária. O autor propõe religar esses conhecimentos, discutindo em sala aquilo que está acontecendo agora e suas implicações sociais, econômicas e psicológicas: quem está fazendo? O que está fazendo? Por quê? Ou Para que? O que torna a prática educativa mais significativa. Tal é a mesma perspectiva de Paulo Freire (2001) quando afirma que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção.

Dentro do sistema de ensino brasileiro, a educação do campo e para o campo ainda tem um longo caminho a percorrer, principalmente quanto a cursos de formação inicial e continuada que atendam à tais especificidades. Em Boa Vista do Ramos os monitores que atuam naquele município possuem formação como técnicos agrícolas ou florestais, sendo que apenas alguns possuem educação em nível superior. Em depoimento, um dos monitores da CFR em Boa Vista do Ramos, Raimundo Saturnino, fala sobre sua formação inicial e, em sua visão, qual o modelo de formação seria mais adequada aos monitores que, como ele atuam na Pedagogia da Alternância:

[...] minha educação basicamente foi voltada para aplicação de técnicas agrícolas direcionadas, sobretudo para valorização e transferências de tecnologias vindas e/ou impostas de fora para dentro com o discurso de serem melhores... Em síntese, seria necessária uma Educação direcionada para a reflexão crítica, uma forma de educação reflexiva e holística. É necessária uma Educação voltada para a verdadeira formação dos sujeitos do campo e suas especificidades humanas e

naturais, além dos fluxos e fixos em relação ao lugar-mundo-mundo-lugar, bem seus impactos positivos e negativos” (depoimento através de e-mail).

Molina (2006) afirma que ainda não há consenso sobre o perfil desse profissional, espera-se com a criação do GPT (grupo permanente de trabalho da educação do campo), colegiado criado pela Portaria MEC nº 1.374/03, composto pela Secad, SDT/MDA, Iterra, pesquisadores e professores universitários, seja construída uma política nacional de formação que contemple um sistema articulado e integrado para atender as especificidades que a educação do campo exige, sob a estratégia de aproximar instituições de ensino, pesquisa e extensão, Universidades, redes de ensino do campo dessas necessidades (HENRIQUES, 2007).

Essa aproximação está ocorrendo paulatinamente, como exemplo podemos citar a implantação do Procampo<sup>5</sup> nas instituições de Ensino Superior em que há 33 universidades que já estão com o programa aprovado, mas somente 13 iniciaram suas aulas, oferecendo graduação específica para professores que irão atuar na Educação do Campo. Também a Pedagogia da Alternância foi homologada pelo CNE Parecer<sup>6</sup> 1/2006 por se mostrar “como a melhor alternativa para a Educação Básica [...] para os anos finais do Ensino Fundamental, o Ensino Médio e a Educação Profissional Técnica de nível médio, estabelecendo relação expressiva entre as três agências educativas - família, comunidade e escola” .

A pedagogia da Alternância está fundamentada na proposta de Freinet, o qual defende não separar o trabalho escolar da vida e do contexto histórico-social do aluno; na epistemologia construtivista de Piaget com a fórmula “praticar e compreender”; na teoria da complexidade de Morin (2011) o que exige uma educação para a “inteligência geral”; e na ideia freiriana ação-reflexão-ação, um movimento que percebe a educação como uma construção cultural, englobando tanto a competência profissional como política (CARNEIRO, 2011).

No quadro comparativo, a seguir, podemos perceber em diferentes autores, ao tratar do perfil necessário ao educador, certas similaridades. Aspectos essenciais para aqueles que abraçaram

---

<sup>5</sup> O Programa de Apoio à Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo (Procampo) é uma iniciativa do Ministério da Educação, por intermédio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (Secad), em cumprimento às suas atribuições de responder pela formulação de políticas públicas de combate às desvantagens educacionais históricas sofridas pelas populações rurais e valorização da diversidade nas políticas educacionais.

<sup>6</sup> Parecer CNE/CEB nº 01/2006 – Dispõe sobre dias letivos para aplicação da Pedagogia da Alternância nos Centros Familiares de Formação por Alternância.

o desafio de debruçar-se em como promover o processo de aprendizagem, seja ele entre crianças, jovens e adultos, respeitando suas diferenças e peculiaridades locais.

<b>FORMAÇÃO / PERFIL DO EDUCADOR DO FUTURO</b>			
Exporante	<b>Augusto Cury</b>	<b>Celso Antunes</b>	<b>Edgar Morin</b>
Fundamentação	Teoria da Inteligência Multifocal	Teoria das Múltiplas Inteligências	Teoria da Complexidade
Qualidades / Características a desenvolver no Educador do futuro	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tem o <b>EU</b> como gestor do intelecto</li> <li>• Autocrítico</li> <li>• Resiliência</li> <li>• Altruismo</li> <li>• Aberto ao debate de idéias</li> <li>• Carisma</li> <li>• Intuição criativa</li> <li>• Tem o <b>EU</b> como gestor da emoção</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mentalidade aberta</li> <li>• Acentuada inteligência interpessoal</li> <li>• Atitude investigativa</li> <li>• Senso crítico</li> <li>• Desprendimento intelectual</li> <li>• Sensibilidade às mudanças</li> <li>• Empatia e inteligência intrapessoal</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• As cegueiras do conhecimento – o erro e a ilusão</li> <li>• Os princípios do conhecimento pertinente</li> <li>• Ensinar a condição humana</li> <li>• Identidade terrena</li> <li>• Enfrentar as incertezas</li> <li>• Ensinar a compreensão</li> <li>• A ética</li> </ul>

Dessa maneira não se pode pensar num perfil tradicional para essa nova identidade de professor. Obviamente, a base deverá ser as conquistas da ciência da educação, no currículo básico de pedagogia, mas há a necessidade de ir além, é preciso estar envolvido na comunidade, nas lutas que o educador defende junto com a comunidade, deve valorizar qualidades como amor, compreensão que impulsionam o agir do ser humano – questões não ortodoxas já defendidas, em diferentes maneiras, por Rubem Alves (1986, 1988), Paulo Freire (1987, 1992, 2001, 2003), Augusto Cury (2008, 2006), Morin (2011) – são essenciais ao educador que é, nessa pedagogia, um gestor de relações – um animador para que o conhecimento seja construído, alguém que sabe lidar na e com as diferenças.

Na pedagogia da Alternância, o monitor é animador, um mediador na construção do conhecimento. O cotidiano está presente na sala da aula. A roça, as florestas, a pesca, os mitos, as lendas, fazem parte desse enredo, que é ensinar e aprender junto. Nossa formação tradicional, não dá conta dessa complexidade que é trabalhar na Pedagogia da Alternância. É necessário uma outra formação, uma outra compreensão de educação, aqui defendemos a Educação do Campo. Uma educação para a transformação social. Sinto-me privilegiado em ser educador da Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos, porque sei que aqui eu sou importante na formação dos jovens que os resultados do nosso trabalho está no crescimento e desenvolvimento das famílias. Hoje temos alunos que estão formados em

agroecologia, trabalhado em sua propriedade ganhando seu dinheiro e desenvolvendo sua comunidade, e organizados em associação (Monitor, Entrevista n.03, julho de 2014).

Na Pedagogia da Autonomia, Paulo Freire repete várias vezes a expressão *ensinar exige*, mostrando que a docência é um trabalho realizado por quem verdadeiramente ama, por ser uma tarefa penosa, como afirma Rubem Alves, *como o nascimento de uma criança que começa com um ato de amor*<sup>7</sup>, envolve dor, mas também extrema alegria, felicidade. Paulo Freire (1996) alerta que a afetividade não está separada da cognoscibilidade, nem tão pouco exclui a luta política em defesa de seus direitos, pelo respeito ao magistério e pelo zelo ao espaço pedagógico.

FORMAÇÃO / PERFIL DO EDUCADOR DO FUTURO			
Exponente	Paulo Freire	Perrenoud	Gimonet
Fundamentação	Pedagogia da Autonomia – Educação para a vida	Teoria das competências	Pedagogia da Alternância Educação Sistêmica
Qualidade / Características e desenvolvimento do futuro	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Rigorosa metódica;</li> <li>▪ Pesquisa; Reflexão crítica;</li> <li>▪ Respeito aos saberes dos educandos e à sua autonomia;</li> <li>▪ Aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação;</li> <li>▪ Reconhecimento e a assunção da identidade cultural, de seu inacabamento e de ser condicionado, porém, não determinado;</li> <li>▪ Bom senso; Humildade, tolerância e luta;</li> <li>▪ Segurança, competência profissional;</li> <li>▪ Comprometimento</li> <li>▪ Tomada consciente de decisões;</li> <li>▪ Saber escutar; Disposto ao diálogo;</li> <li>▪ Amorosidade.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Organizar e dirigir situações de aprendizagens;</li> <li>▪ Administrar a progressão das aprendizagens;</li> <li>▪ Conceber e fazer evoluir os dispositivos de diferenciação;</li> <li>▪ Envolver os alunos em suas aprendizagens e em seu trabalho;</li> <li>▪ Trabalhar em equipe;</li> <li>▪ Participar da administração da escola;</li> <li>▪ Informar e envolver os pais;</li> <li>▪ Utilizar novas tecnologias;</li> <li>▪ Enfrentar os deveres e os dilemas éticos da profissão;</li> <li>▪ Administrar sua própria formação contínua.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Abertura social;</li> <li>▪ Capacidade pedagógica;</li> <li>▪ Domínio tecnológico;</li> <li>▪ Visão de mundo holística: produção, trabalho, vida social e do ambiente;</li> <li>▪ Saber trabalhar em equipe – pais, tutores, mestres (co-formadores);</li> <li>▪ Relacionar e valorizar os diferentes tipos de saberes;</li> <li>▪ Envolvido na vida da comunidade;</li> <li>▪ Engajado na Associação e na luta da classe;</li> <li>▪ Generalista – agente de relacionamentos e de comunicação;</li> <li>▪ Criativo;</li> <li>▪ Maturidade e bom senso.</li> </ul>

No pensamento de Gimonet (2007) – para lidar com o desafio de educar na Pedagogia da Alternância, o educador deverá aprender a trabalhar em equipe. Diferente da pedagogia tradicional onde atuava sozinho, esse paradigma educacional exige uma formação que privilegie relações densas, pois nessa proposta o monitor é um *animador* das relações que ocorrem nos diferentes locais e tempos de aprendizagem, e entre os diferentes atores, sujeitos ativos de seu próprio processo de conhecimento, ensino, aprendizagem; além da capacidade pedagógica e domínio

<sup>7</sup>ALVES, Rubem. *A alegria de ensinar*. Campinas, SP: Papirus, 2000.

tecnológico. Tal formação é contrária ao pensamento latifundista empresarial, ao assistencialismo e ao controle político sobre a terra.

A Educação do Campo defende não como espaço de produção material, mas vida e resistência, acesso e permanência na terra e edificar e garantir o respeito às diferenças. Para alcançar tal formação entre os jovens é imprescindível que o educador também desenvolva uma formação diferenciada, uma formação que o capacite a inovar. No Amazonas, a Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos, experimenta esta formação com seus educadores e educadoras há 12 anos, sendo que os seus primeiros 10 anos, foram, segundo uma das educadoras/monitoras entrevistados, a (re)construção de seus conceitos e paradigmas sobre o fazer pedagógico. Vejamos:

Fazemos parte de um grupo de educadores que acredita que as populações tradicionais da Amazônia também faz ciência, também constrói conhecimento sistematizado. Acreditamos que é possível uma educação com as pessoas e não para as pessoas. Acreditamos que a cultura, os saberes, os costumes, os hábitos muito tem a contribuir para a geração de conhecimento e tecnologia para o desenvolvimento pleno de uma comunidade, de um município. O que falo é resultado de mudança de postura, falo de mim mesmo, que quando cheguei aqui eu pensei que ia ensinar e me colocava como a pessoa que ia transformar a vida dessas pessoas para melhor, a partir do meu conhecimento. Porque? Porque é para isso que somos formados, somos adestrados, orientados para ignorar o outro, principalmente aquele que tivesse um grau menor que o meu. Então, ser monitor, educador na Casa Familiar Rural é grande desafio. O desafio de se transformar em educadores e educadores comprometidos com essa educação, que chamamos de Educação do Campo, da floresta e das águas na Amazônia (Monitora – entrevista n.05, junho de 2014)

A postura do entrevistado, nos demonstra certo ativismo, um comprometimento sobre as a formação política e social dos jovens participantes do projeto. Também se percebe que sua intervenção vai para além da sala de aula. É prático, dos educadores, participarem das atividades das comunidades, assim como acompanhar as atividades, no tempo comunidade para dá assistência personalizadas ao jovem e família sobre temas na área do manejo florestal, agricultura familiar e agroecologia. Essas ações são resultados das articulações do instrumental pedagógico, a saber: plano de estudo, colocação em comum, caderno das alternâncias, livro do agricultor (a), visitas as famílias, intervenção e participação comunitária e o mutirão agroecológico comunitário.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS, DE UMA PESQUISA EM ANDAMENTO.**

A formação dos educadores no Brasil está longe de ser ideal, fato que pode ser visto claramente através da sinopse estatística do MEC/INEP de 1996, onde observa-se que apenas metade dos professores brasileiros que atuam em sala de aula possuem a formação em nível

superior, no entanto, destes 1.066.396 professores, somente 20% a 25% deles estão atuando na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, na Educação Especial e na EJA. Daí a necessidade em promover em nível cada vez maior a democratização do acesso e permanência ao nível superior, realidade já homologada por lei, mas estando ainda longe de ser colocada em prática nas diversas realidades do Brasil.

Para favorecer um aprendizado de qualidade no ensino superior, destacamos a importância do estágio. O estágio deveria acompanhar o professor em formação inicial durante todo o curso, não apenas no final do curso. Assim estaria confrontando teoria e prática, percebendo a educação como um processo dialético do homem historicamente situado. No caso específico na formação de educadores na Pedagogia da Alternância, que ainda, não é uma realidade na formação de acadêmicos da área das licenciaturas e Ciências Agrárias. Mas, há a esperança de pelo menos, atingir esse diálogo nos cursos de graduação mais tradicionais, através do ativismo da sociedade civil organizada dos movimentos sociais do campo e dos intelectuais orgânicos que, com esse tema se identifica. Por isso, nossa primeira tentativa, mesmo que tímida, está centrada no estágio. É no estágio que temos a oportunidade de infiltrar essas discursões da Educação do Campo e da Pedagogia da Alternância.

No estágio sua principal tarefa é *observar* (olhar atento, cuidadoso, reflexivo, não uma busca por “erros”), comparando as teorias (Piaget, Vigotsky, Morin, etc.) já estudadas com a prática adotada pelo educador, procurando identificar dificuldades, tanto físicas, culturais ou cognitivas, superações, condições de ensino, etc. Tornando a escola um ambiente, um espaço da prática reflexiva. Disciplinando-se por manter o foco no que o professor faz não o que deveria fazer, observando a realidade do seu envolvimento e intencionalidade nas práticas adotadas, sempre à luz das teorias pedagógicas estudadas (tendências liberal ou progressista).

Desta forma o professor em formação terá uma rica oportunidade de aprender e construir uma identidade docente enriquecida pelos procedimentos trazidos pela pesquisa. É no sentido de que haja maior aproximação entre os pesquisadores da universidade e os pesquisadores militantes, para que suas pesquisas sejam mais ricas e atinjam o alvo da ciência colocado por Brecht, que seja minimizar as misérias humanas.

No entanto, nossa primeira impressão sobre a formação de educadores na Pedagogia da Alternância, é a problematização e as diversas inquietações que essa prática pedagógica nos apresenta, da compreensão dos fundamentos teóricos, metodológicos e, sobretudo entender esse

novo educador ou educador na formação transdisciplinar e submerso no ambiente Amazônico, que é plural. E a pesquisa continua, nesse *devir* [...]

## 5. REFERENCIAS

ALVES, Rubem Azevedo. **Conversas com quem gosta de ensinar**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986. 87 p.

\_\_\_\_\_. **Estórias de quem gosta de ensinar**. 12ª ed. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1988. 87 p.

ANDRÉ, Marli (Org.). **O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores**. Campinas, SP: Papirus, 2001. 143 p.

ANTUNES, Celso. **Alfabetização emocional: Novas estratégias**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999. 108 p.

ARAÚJO, Wagner Paiva. **Práticas pedagógicas no meio rural**. Manaus: EDUA/FAPEAM, 2004. 171 p.

BAPTISTA, Francisca Maria Carneiro. BAPTISTA, Naidison de Quintella (Orgs.). **Educação Rural: sustentabilidade do campo**. Feira de Santana, BA: MOC; UEFS. Pernambuco: SERTA, 2003. 187 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007. 116 p.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil: Leitura crítico-compreensiva**, artigo a artigo. 18ª ed. Atual. Ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. 581 p.

CURY, Augusto. **O código da inteligência: A formação de mentes brilhantes e a busca pela excelência emocional e profissional**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil/Ediouro, 2008. 192 p.

\_\_\_\_\_. **O Mestre dos mestres: Jesus, o maior educador da história**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006. 188 p.

FERNANDES, Elisângela. Formação: Eles são a exceção: Apenas 0,08% dos professores do Ensino Fundamental possuem doutorado. **Nova Escola**, ano XXVII, n. 251, abril, 2012, p. 74-78.

FERNANDES, Elisângela et al. Políticas públicas: Muito longe da escola: o Brasil ainda tem mais de 730 mil crianças e jovens de 6 a 14 anos fora das salas de aula. **Nova Escola**, ano XXVI, n. 247, novembro, 2011, p. 84-89.

FRAIDENRAICH, Verônica. Formação: Coordenação em foco: Clareza da função e bom uso de estratégias de capacitação são destaque da gestora Nota 10. **Nova Escola**, ano XXVI, n. 248, dezembro, 2011, p. 68-72.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Educação & Atualidade Brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2003. 124 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 17ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. 165 p.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 127 p.

- \_\_\_\_\_. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 107 p.
- FREITAG, Barbara. **O indivíduo em formação: diálogos interdisciplinares sobre educação**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. 112 p.
- GADOTTI, Moacir. GUTIÉRREZ, Francisco (Orgs.). **Educação comunitária e economia popular**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1999. 120 p.
- GADOTTI, Moacir. **Escola cidadã**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2008. 120 p.
- GARCIA, Alexandre. O X da questão: Uma profissão estagnada: sem planos de carreira estruturados, não há perspectivas de crescimento profissional e a atividade docente se torna pouco atrativa. **Nova Escola**, ano XXVI, n. 247, novembro, 2011, p. 34-37.
- GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a pedagogia da alternância dos CEFFAs**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes; Paris: AIMFR/SIMFR/DISOP-BRASIL, 2007. 167 p.
- HENRIQUES, Ricardo et al (Orgs.). Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. **Cadernos Secad 2** – Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidades. Brasília, DF:Secad/MEC, março de 2007.
- LENIN. CASTRO, Fidel. FREI BRITO. **As tarefas revolucionárias da juventude**. São Paulo: Expressão Popular, 2005. 64 p.
- MEIRELLES, Elisa. Em dia: Educação no campo: Governo vai investir em formação docente. **Nova Escola**, ano XXVII, n. 253, junho/julho, 2012, p. 47.
- MELO, André de Oliveira. **Educar para a sustentabilidade: a experiência da Casa Familiar Rural de Boa Vista do Ramos-Amazonas**. Manaus, Am: UFAM, 2010. 101 p. Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção de título de Mestre em Desenvolvimento Regional.
- MOLINA, Mônica Castagna (Org.). **Educação do campo e pesquisa: questões para reflexões**. Brasília, DF: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2006. 152 p.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2ª ed.rev. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011. 102 p.
- NASCIMENTO, Aristonildo C. Araújo (Org.). **Educação inclusiva no contexto amazônico: Formação de professores**. Manaus: Edua, 2007. 228 p.
- REICH, Wilhelm. **Escuta, Zé ninguém!** 8ª ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote; Santos: Livraria Martins Fontes, 1974. 111 p.
- RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação: liberdade, autonomia, emancipação: princípios/fins da formação humana**. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- SILVA, Lourdes Helena. Educação do Campo e Pedagogia da Alternância: a experiência brasileira. **SÍSIFO/Revista de Ciências da Educação**, n. 5, Jan/Abr 08, p. 105-112.
- WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992. 87 p.